

Photoshop, preconceito escolar e cotas raciais

José Apóstolo Netto*

Resumo: o artigo aborda a questão da desigualdade social dos estudantes negros e pobres gerada pelo do preconceito étnico e racial na escola, bem como sugere que o sistema de cotas na universidade pública pode ser um reparador do desequilíbrio.

Palavras-chave: Desigualdade Social, Cotas Raciais, Educação, Escola

Photoshop, School Prejudice and the Racial Quotas

Abstract: The article analyses the matter of social inequality among poor and afro-descendants students which is generated by the ethnic and racial prejudice at school and also suggests that the racial quotas system at Public Universities could repair the inequality.

Key words: Social inequality, Racial Quotas, Education, School



Enfim, o Ocidente – ou pelo menos um pedaço dele – reconheceu os efeitos nefastos do padrão único de beleza, isto é:

que ele deixa as pessoas doentes. Parlamentares franceses, preocupados com o crescente número de pacientes com bulimia e anorexia, resolveram criar leis que limitem o uso e o abuso do *photoshop* em figuras humanas, pois tal processo de correção de imagens, concordam, tem contribuído para o aumento dos casos de “doenças da beleza” na França.

Por outro lado, o que dizer das vítimas do preconceito estético advindo desse padrão de beleza fabricado? Será que elas, de alguma forma, não adoecem também, comprometendo a sua qualidade de vida?¹ Sabemos que existe

¹ Refiro-me aqui aos viciados em academia e clínicas de cirurgia plásticas, os usuários de

essa relação, mas como os danos causados por ele ainda não beiram a tragédia humana, o problema passa ao largo dos olhos da sociedade e das autoridades públicas.

Mas, no Brasil, outro tipo de preconceito deixa enfermos, isto é, sem projeto², milhões de crianças e jovens negros: o preconceito étnico-racial na escola. Esses educandos são submetidos, ao longo da sua formação básica, a ver, ouvir e sentir na pele a declaração institucionalizada³ de que o

“bombas”, os encanados, os recatados, os envergonhados, enfim, um sem número de pessoas que vivem de mal com o próprio corpo. Quantas pessoas no mundo não são estigmatizadas e, por isso, tido a saúde debilitada por que não se enquadram no padrão de beleza fabricado?

² Em hebraico, enfermo quer dizer sem projeto. Sobre o assunto ver: *A contra-escola*. In: Galeano, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 328

³ Esse processo de discriminação se verifica de várias formas dentro do contexto da escola: nos livros didáticos, nos gestos, na fala do professor,

aluno bem sucedido é, em geral, branco e de classe média. Não coincidentemente, um tipo bem parecido com o seu professor.

A discriminação racial nas escolas públicas e particulares brasileiras tem prejudicado o desempenho escolar desse segmento estudantil, e quase nada temos feito para frear tal processo deletério. Pelo contrário, alguns “esclarecidos” têm até defendido o fim do pouco que conquistamos⁴. Talvez eles não admitam, quer por interesses do capital, quer por razões de poder, que muitos estudantes brasileiros não-brancos já saem, desde os primeiros anos de formação, em desvantagem na corrida do mercado de trabalho e da formação acadêmica por causa da prática discriminatória da escola. Outros muitos sequer entram na disputa.

no currículo escolar, no conteúdo programático, enfim, no projeto político pedagógico.

⁴ Cito aqui o manifesto assinado por 114 intelectuais, artistas e ativistas de movimentos negros contra a política de cotas para negros ingressarem nas universidades e o Estatuto da Igualdade Racial, entregue aos presidentes do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), e da Câmara, deputado Aldo Rebelo (PC do B-SP), no dia 29/06/06. O grupo considera que as duas medidas – em votação na Câmara – dividem o país entre brancos e negros e que esta não é a melhor forma para se resolver o problema da desigualdade racial. "Somente um serviço público de qualidade para todos pode mudar a realidade de exclusão que nós vivemos. Não é com cotas. Nós defendemos a igualdade de todos os brasileiros", justificou José Carlos Miranda, do Comitê por um Movimento Negro Socialista. Yvonne Maggie, professora titular de Antropologia da UFRJ, considerou que os dois projetos em discussão no Congresso podem levar a sociedade a correr "um sério risco" de perder sua unidade nacional.

Para ela, as cotas são um "arremedo para aliviar as culpas de uns e outros e fazer com que o país seja dividido em brancos e negros".

Disponível em:
http://www.ifcs.ufrj.br/~observa/noticias/jbrasiliana/negros_30.htm

Cotas existem por que existe o preconceito tanto na escola de alta qualidade quanto na de baixa qualidade de ensino.⁵ Senão, vejamos o que diz a pesquisa do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA) sobre os mecanismos de discriminação nas escolas:

“Embora o efeito positivo desse resultado seja inegável, consideramos oportuno refletir sobre o fato de que esse aumento nos coeficientes de rendimento dos alunos se dá, ainda, de maneira diferenciada. Isso ocorre porque, se um aluno de maior renda já tinha um melhor aproveitamento em matemática, ele continua tendo um rendimento maior na matéria, embora o de renda menor também tenha apresentado progressos. Todos melhoram, em resumo, mas a melhoria é proporcional à situação anterior de cada um e, portanto, a diferenciação continua.

A autora constata, com base em dados empíricos pertinentes, que “as escolas de boa qualidade têm possibilidades objetivas de reduzir a diferença de desempenho entre alunos brancos e não-brancos”. Ao mesmo tempo, a autora também observa que, apesar dessa melhoria, o peso das diferenças sociais permanece importante. Acrescentaríamos que também

⁵ Aqui o conceito de qualidade ensino também está em suspeição, pois a escola que se quer plural não pode admitir uma concepção baseada no pragmatismo neoliberal de mérito e resultado. É preciso fundar a idéia de qualidade de ensino no alinhamento ético, social e político. Ou seja, numa concepção que persiga a formação de pessoas capazes, não só de concorrer a uma vaga no vestibular ou no mercado de trabalho, mas também de dar respostas para os problemas enfrentados pela coletividade, quer através da organização da população, quer do acionamento do poder público.

permanece importante o peso das desigualdades raciais.”⁶

Visto assim, a qualidade de ensino não é suficiente para equalizar o desempenho escolar entre negros e brancos; nem tampouco o preconceito institucionalizado é eliminado com cursos de capacitação de trinta horas para os professores. Bem como não se recupera a desvantagem de ensino-aprendizagem de milhões de estudantes com métodos tradicionais e padronizados. É preciso, isto sim, de formação escolar e acadêmica diferenciada, ou melhor, de uma experiência educativa baseada na identidade e na pluralidade étnico-cultural. Como diz a professora Eliana de Oliveira:

“A proposta de uma educação voltada para a diversidade coloca a todos nós, educadores, o grande desafio de estar atentos às diferenças econômicas, sociais e raciais e de buscar o domínio de um saber crítico que permita interpretá-las. Nessa proposta educacional será preciso rever o saber escolar e também investir na formação do educador, possibilitando-lhe uma formação teórica diferenciada da eurocêntrica. O currículo monocultural até hoje divulgado deverá ser revisado e a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas. E a escola terá o dever de dialogar com tais culturas e reconhecer o pluralismo cultural brasileiro.”⁷

⁶ Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras/Sergei Soares [et alii], (organizador) — Rio de Janeiro: Ipea, 2005. pp. 116-117.

⁷ Eliana de Oliveira. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>

É por isso que a abertura da universidade pública para a diversidade se faz urgente: formar, no médio prazo, pessoas, cidadãos, trabalhadores e professores com práticas políticas, profissionais e educativas plurais e dialógicas e, portanto, livres do pensamento e das atitudes preconceituosas.

Por outro lado, a aceleração desse processo só é possível através do sistema de cotas, pois a abertura da universidade para todos pelo sistema universal há muito tempo caiu em descrédito.

Mas não basta a universidade instituir a política de cotas raciais e continuar com a prática pedagógica do tipo universalista.⁸ Isso não muda nada. É preciso, como já foi dito, promover ainda uma abertura para dialogar com o diferenciado universo econômico, político, social e cultural dessa negritude que ingressa no ensino superior pelas cotas. É fundamental que os saberes, bem como os sentires, os seres e os querereres dessa negritude participem, ativa e efetivamente, da renovação da prática educativa e produtiva das universidades brasileiras, colocando no centro do ensino-aprendizagem e da produção do conhecimento a identidade e a diversidade.

Dessa forma, ganha a sociedade com cidadãos mais tolerantes; ganha a escola com educadores mais críticos, pois detentores de uma nova prática pedagógica, capaz não só de combater o racismo escolar como de construir novos saberes e usos das tecnologias. Assim, acreditamos, potencializaríamos a nossa capacidade de usar o *photoshop*,

⁸ Paradoxalmente, a universalidade das práticas pedagógicas, no Brasil, tem contemplado apenas o conhecimento eurocentrado e elitizado; deixando na periferia os saberes decentrados.

não para ratificar o padrão de beleza único e universal, mas para afirmar as múltiplas bonitezas das pessoas.

Referências

CORDIOLLI, Marcos. *O professor preconceituoso*. Disponível em: http://cordioli.files.wordpress.com/2009/07/cordioli_fe005_professor_preconceituoso.pdf

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

OLIVEIRA, Eliana de. *Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate*. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>

SOARES, Sergei [et alii], (organizador). *Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2005.

ZMOGINSKI, Felipe. *França pode criar lei anti-photoshop*. <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/franca-pode-criar-lei-anti-photoshop-24092009-37.shl>



* **JOSÉ APÓSTOLO NETTO** é Mestre em História e professor das disciplinas de História da Educação e Fundamentos do Ensino de História do curso de Pedagogia